

## A CIDADE É TECIDO E TECE A VIDA DO CIDADINO<sup>1</sup>

**Edimilson Moreira Rodrigues**

Doutorando em Letras, literatura, intermedialidade e tradução-UFF - Niterói

*Universidade Federal do Maranhão – UFMA*

em.rodriques@ufma.com.br

**Jacqueline Almeida Brandão**

Graduanda em Linguagens e códigos – letras/portuguesa

*Universidade Federal do Maranhão – UFMA*

Jacqueline\_allmeida@outlook.com

### RESUMO

No poema de Drummond como nas grandes narrativas: a paisagem desvela a estrutura social e os modos de vida da comunidade – “Cidadezinha qualquer” é toda cidade do imaginário coletivo e faz parte de um todo articulado e único, no qual os objetos e os fenômenos se acham vinculados uns aos outros, se interdependem e se condicionam mutuamente. “A cidade é a mestra do homem”, disse Plutarco. Seus padrões espaciais refletem a cultura e o homem: “a cidade diz tudo aquilo que deves pensar”, Calvino (1991). Objetivamos analisar o texto de Drummond, “Cidadezinha qualquer” com seus duplos temas - cotidiano pecaminoso e decadente; rural, com seu campo virtuoso e aprazível. Pensando, não tudo, mas parte do que pode gerar o poema de Drummond, inserido em uma história social das cidades e do patrimônio literário: espaços de articulações das diversas representações sociais, as cidades literárias pensadas como objetos de produção de sentidos.

**Palavras-chave:** Cidades imaginárias. Cenários urbanos. Paisagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Walter Benjamin (1994, p. 32) adverte que “a cidade é o antigo sonho do labirinto”. Somos todos enredados nesta velha imagem. As cidades são labirintos que proporcionam a chegada, o encontro, desencontros e perdas irreparáveis. Os monstros são as dificuldades das nossas Cretas atuais. E as Ariadnes continuam sendo as mulheres envoltas num halo de perdurabilidade. Os fios condutores do retorno ou da salvação estão postos pelo atrativo da cidade que aprisiona e liberta, através da palavra. Assim como a língua, a cidade tem seus códigos, suas normas, sua regra mutável e adequada pelo homem da urbe. Cidade e língua cumprem uma função social, são as determinantes do social.

Deste modo, pretendesse analisar o texto “Cidadezinha qualquer” de Carlos Drummond de Andrade pela ótica do materialismo histórico, explica as mudanças e o desenvolvimento da história das cidades, utilizando-se do texto poético, uma tecnologia que revela o modo de produção literária da década de 30, influenciada pelas mudanças sociais. Há um acordo tácito entre o autor e seus leitores. Cada palavra, posta no labirinto do texto, é o fio condutor de análises. E o poeta, na

---

<sup>1</sup> Trabalho curricular

sua economia de linguagem, proporciona um entendimento das mudanças sociais e políticas de “Cidadezinhas quaisquer”. Há um fluir de imagens no texto que é pretexto para dizer da mudança das cidades; as quais se renovam e desenvolvendo-se incessantemente. Que, como as fruteiras do texto Drummondiano, nascem, florescem, crescem, se desenvolve, caducam, fenecem. É a resultante das contradições contidas na própria essência dos objetos: cidade/língua; texto/labirinto.

Assim como as grandes narrativas no poema de Drummond, o espaço geográfico, o paisano, a paisagem contribuem na estrutura social e nos modos de vida da comunidade. As condições geográficas explicam, em parte, muitas das criações literárias. “A cidade é tessitura, trama da experiência literária” (PINHEIRO E SILVA, 2004, p. 23) e como tal revela um emaranhado de situações que enredam autor, leitor e a própria cidade enquanto expressões literárias. Cidadezinha qualquer é a cidade natal, é a cidade grande. Em torno da cidade o homem constrói sua vida pessoal e, conseqüentemente, sua obra literária ou suas invenções. “A cidade é a mestra do homem”, disse Plutarco. Os padrões espaciais e criacionais, dizemos, refletem a cultura e o homem, pois, “a cidade diz tudo aquilo que deves pensar” (CALVINO, 1991, p. 34).

Como as cidades se caracterizam historicamente, a análise do texto literário sobre a cidade exige uma genealogia da interpretação específica. Por isso, a análise, – como o Flanêur que se fascina pela sua compósita situação de errante pelas ruas – nos leva e enveredar por textos de Certeau (2007), Benjamin (1994), Lefebvre (1991), Rama (1985) Canclini (2006), Virillio (1999), Gomes (1994), sem olvidar as visitas às cidades de Ítalo Calvino (1991) na tentativa de demonstrar a relação que há entre Cidadezinha qualquer, obra da década de 30, do poeta Carlos Drummond de Andrade e as teorias sócio - geográficas do texto literário, confirmando-o como objeto de produção e reprodução, da vida diária como objeto válido de investigação científica.

## **2 COTIDIANO - OBJETO VÁLIDO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA**

A fonte: Cidadezinha qualquer Casas entre bananeiras/ mulheres entre laranjeiras/ pomar amor cantar.// Um homem vai devagar./ Um cachorro vai devagar./ Um burro vai devagar./ Devagar.../as janelas lham.// Eta vida besta, meu Deus. De Alguma poesia (1930)

Não restam dúvidas de que a poesia tem seus papeis de circunstâncias. “Cidadezinha qualquer” apresenta os caracteres do campo, esta obra de Drummond, escrita em 1930 se distancia de “Confidência de Itabirano”, de 1978 e “Viagem na Família” as quais relatam um sentimento de pertencimento do ser campestre que, ao depois, será revisitada e imantada na Itabira drummondiana.

Estas cidadezinhas definem as pequenas cidades como sendo a representação de uma cultura brasileira encontrada em Sobrados e Mocambos, uma imagem da “cultura brasileira como um Oasis social, indiferentes a conflitos e revoluções; assim como a natureza tropical desconhece terremotos e furacões” (ROCHA, 2004, p. 65).

Na década de 30, a literatura brasileira ainda continuava presa à cordialidade, a singeleza da paisagem, às reflexões postas por Sérgio Buarque de Holanda ao declarar, em Raízes do Brasil, que a urbanização ameaça a sobrevivência das relações sociais levando ao progressivo desaparecimento do homem cordial. Ángel Rama, em a cidade das letras disse, “há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar” (RAMA, 1985, p. 10). É neste labirinto que vamos entrar, se vamos conseguir sair é o leitor quem vai dizer.

### **3 CASAS ENTRE BANANEIRAS – CARTOGRAFIA DE VIDA**

No atual verso, o poeta registra sua visão de mundo, tendo como opção três palavras, uma delas se repetirá no próximo verso – entre. Todas elas, tanto neste como no verso seguinte, estão singularizadas e no feminino. Há uma relação de sentidos entre o que é duradouro: casas, artefato humano que ampara, componente da cidade e lócus humano. Este necessita de alimento que está presente em todo o território nacional, em “cidadezinhas quaisquer”: a bananeira símbolo de singeleza e alegoria do homem do campo, embora em parte das casas urbanas, em núcleos habitacionais mais singelos, exista algumas casas entre bananeiras.

A bananeira, tal qual a opção do número de palavras do autor, na estrofe em cotejo, se desenvolve melhor em três; a produção dos cachos são mais significativos e nutricionais, ao passo que com muitos “filhos”, em número maior que três pés, a banana não tem as mesmas propriedades. Assim, dizemos que as três palavras – casas, entre, bananeiras – além de equilibrar perfeitamente a estrutura textual, dá margens a muitas interpretações quanto ao número três.

Dando continuidade a estas assertivas, há, pois, uma dicotomia no verso pela combinação do provisório – bananeiras, e do sólido – casas. E ainda, uma mensagem subliminar, pela economia das palavras: casas – é parte de bairros, que é por sua vez, o constructo de uma cidadezinha qualquer; e bananeiras, a certeza de alimentos, metáfora de vida que reserva nas casas sombreadas por plantas que ornem, embelezam, sombreiam e vivificam. O texto, ou melhor, o verso, fala de uma estética do alimento e do habitat.

Está imantada, neste verso, uma cartografia simbólica no todo do texto drummondiano. Os códigos são todos deflagradores de moradia e alimentação; do duradouro e do provisório, do elaborado e do espontâneo. Os pontos geográficos e suas coordenadas estão estruturados no número três; os pontos cardeais são definidos pela cultura que se produz de norte a sul – bananeiras; o mapa mental é determinado pelo título: Cidadezinha qualquer; o itinerário possibilita-a se inserir como personagem das narrativas literárias, na grafia de filiação a cidadezinha carrega no seu étimo a imagem feminal “como lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico” (CANCLINI, 2006, p. 63).

As imagens do feminino mapeiam os contornos do espaço geográfico, constituindo-se, enquanto personagem, em recurso/efeito de realidade, conforme a produção literária que, plagiando Virilio (1999, p. 12) “a partir de agora as fronteiras do texto passam pelo interior das cidades”.

#### **4 MULHERES ENTRE LARANJEIRAS – ESCAVANDO O REAL**

Mais uma vez dispensamos o comentário para o número três: mulheres, entre laranjeiras. Como na obra de Calvino Cidades Invisíveis, a opção aqui também, é pelo feminino. Tanto esta como a estrofe anterior estão estruturadas no três e na imagem do feminino plural. Quando o poeta relaciona mulheres com laranjeiras nos provoca reflexões como: delicadeza, fragrância, beleza, mas também de aspereza quanto aos espinhos da fruteira. O ser feminino mulheres, que o poeta separa pela expressão – entre, revela um simulacro de vida: laranjeiras produz laranjas ricas em líquidos, contendo gomos, e nestas sementes; as mulheres contem óvulos que são suas sementes.

A mulher grávida apresenta o formato arredondado dos seios, da barriga que, nesta comparação, parecem com laranjas cheias de líquidos: vitamina C. o seio cheio de leite contem todas as vitaminas. As árvores da laranjeira precisam de tempo para produzir laranjas, o corpo feminino também. Tanto as mulheres como as laranjeiras, na flor da idade, e em idade de flor, (o que demanda tempo) se doando em espetáculos e belezas de aromas aos habitantes de cidadezinhas quaisquer. Diferente da estrofe anterior que se estrutura no contraditório, esta estrofe se estrutura na mediação: mulheres/laranjeiras: frutos/frutas da cidade que elas certificam com seus estados gestacionais.

Visto por outro ângulo, a relação de produção do trabalho põe as mulheres, no mesmo espaço de colheita dos homens: o pomar, que serve para dizer que a cidadezinha perdura no tempo

com uma cultura longeva: laranjeiras. Posto desta forma, a cidadezinha qualquer é embrião, carrega em suas entranhas, de suposto conglomerado urbano que consumirá o produto das laranjeiras, industrializadas ou in natura. Cresce a população com mulheres entre laranjeiras. E o entorno como excedente do capital alimenta e o humano que esta, cidadezinha, produz – bananeiras/laranjeiras, frutos da natureza e cultura do humano.

## **5 POMAR AMOR CANTAR – O SENTIMENTO DO MUNDO**

Uma das tantas leituras que este verso-síntese permite é: pomar amor cantar é a resultante de expectativa de vida humana. Dito doutra modo: pomar remete à colheita e degustação de frutos/frutas: bananeiras, laranjeiras; amor, à certificação dos supostos laços familiares, constituintes do lar, melhor, dos que habitam as casas entre bananeiras; cantar... Sabemos que após o processo de transformação da natureza em trabalho, vem a colheita, o fruto, o excedente, e deste a possibilidade do tempo livre, o ócio que permite a contemplação da arte; o cantar dos pássaros do pomar ou do homem.

Há desta forma, um contraditório que faz parte da vida humana. Ou é a existência da “dialética que focaliza as coisas e suas imagens conceituais, substancialmente em conexões múltiplas” (MARX, 1987, p. 165). As conexões são as que revelam, ou sintetizam imagens conceituais: Pomar- alimento; Amor- vida; cantar-prazer. Eis a essência do que busca o homem na inserção do cotidiano de uma cidadezinha qualquer, ou de qualquer cidade no cotidiano da vida. O cotidiano da vida do homem da cidade determina a nossa leitura e confirma o texto literário, como “uma paisagem invisível [que] condiciona a paisagem visível” (CALVINO, 1991, p. 20).

## **5 CONSIDERAÇÕES**

Levando em consideração a vagueza, a letargia dos versos: curtos, brancos, assimétricos, sem muitos recursos gráficos, deduzimos que o poeta coloca, através da arquitetura textual, uma necessidade do veloz, das transformações sociais. No breve há a denúncia do longo. Na simplicidade do estilo, existe a riqueza de expressão revestida num choque de estilos e símbolos imbuídos de “singlezas revolucionárias”.

Demonstra o texto, uma urgência em dizer que, com a consolidação da cidadezinha em cidade x, a desterritorialização, verbal e social, ocorrem. Na primeira estrofe três linhas de versos

equilibradas em três palavras cada verso. Ademias há uma síntese dos versos anteriores que são consagrados pelos núcleos temáticos: pomar amor cantar. Estas palavras sínteses não estão pontuadas, demonstrando que em muitos núcleos habitacionais rurais, há ausências de planos diretos, de definições de limites geográficos e até físicos: muros.

Na imagem arquitetônica dos versos: três, quatro, um. Podemos deduzir um conjunto agora, projetado, com um núcleo, e outro, a última estrofe, se isolando pelo poder de se isolar, ou certificando que está à margem do progresso, ou é a margem do progresso que aglomera. A mediação do poeta está em colocar, na finalização do texto, uma palavra, verbo, contrário ao progresso, mas que, pelo seu repetir diverge. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Devagar aparece uma única vez, deslocado, se prolongando em substantivo e reticências: Degavar... Mais uma contradição, após quatro aparições, ele próprio se cansa, se isola criando a prosopopeia do contemplar. “Devagar... as janelas olham”. Assim, proporciona Drummond neste texto analisado, “uma visão alienada da realidade, que transforma o escritor de participante ativo na história em observado clínico” (EAGLETON, 2011, p. 61).

#### REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALVINO, Italo. **As cidades imutáveis**. Companhia dias, 1991.
- CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.
- CHARNEY LEO, Schwartz Vanessa. **Sociedade uma introdução à Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. Moraes, 1991.
- RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo, 1985.
- MARX, Karl. **Obras completas**. Nova Aguilar, 1987.
- ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. São Paulo: Cosacnaify, 2004
- VIRILIO, paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1999.